

Lima Vaz: *Libertas Quae Sera Tamen*

Gabriel de Souza Oliveira e Silva ¹

Resumo: Nas Minas Gerais, ainda no século XVIII ocorrera uma grande sedição, que dada a sua importância, é escolhida pelo momento do *constructo* da identidade nacional não só como o único feriado nacional de um evento tido como regional, bem como, o fato da história mineira e nacional que traz para a identidade brasileira o famigerado Tiradentes, com toda sua idiosincrasia. Ainda em terras Gerais, e não menos revolucionário, entretanto, já no século XX, as *astúcias da razão* resolvem nos presentear com aquele que seria o maior intelectual filósofo mineiro – que não fica para trás de nenhum outro intelectual filósofo brasileiro – e por ironia do destino, tudo isso ocorreu na “Imperial Cidade de Ouro Preto”. Por entendermos o *devir*, buscamos tentar fazer a nossa filosofia da história (filosofia do *por vir*) da forma como o mestre Lima Vaz nos ensinou, através da interpretação ou “metodologia” dialético-histórica. Para isso tentaremos abrenharmos no voo que o curso da história já fez pelas terras das Minas, para traçarmos a aproximação que pretendemos entre filósofo e história, somente assim nos sentiremos capazes de nos acharmos dignos de se realizar o convite que essa narrativa poderá oferecer para o entendimento do, ou dos, conceitos aqui propostos.

Palavras-chave: Atualidade Permanente. Filosofia da História. Filosofia Especulativa. Inconfidência Mineira. Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz.

INTRODUÇÃO: AS VOCAÇÕES DAS MINAS GERAIS

Alguns pensadores e intelectuais vão dizer que é distante e utópica a tentativa de aproximarmos padre Henrique Cláudio de Lima Vaz e Inconfidência Mineira. Se fôssemos fazer uma aproximação geográfica, ainda assim, tal contraposição não se sustentaria, e tendo em vista que nossa análise dar-se-á em sede de *filosofia da história*, aí sim, que tal colocação se faz completamente sem nexos.

No entendimento da filosofia hegeliana, que padre Vaz se dedicou décadas afincando de estudo, para que, nos dias de hoje, seus predecessores pudéssemos ter um substancial material onde nos debruçaríamos, existe um plexo de conceitos que nos levam às chaves de entendimentos sofisticados. Dentre alguns conceitos importantes para nosso caminho a ser descrito e percorrido estão: *as astúcias da razão*, *espírito do tempo* e *alma do mundo*, por exemplo. Levanta-se este arcabouço teórico para explicarmos a ideia interpretativa que o presente texto esboça sobre a realidade posta.

Para nós, a filosofia hegeliana, em uma simplificação extrema, é um instrumental descritivo da realidade como um todo, onde alguns chamam de metodologia, por exemplo. As

¹ Bacharel em Ciências do Estado pela UFMG, mestrando do PGDPLAT da UFSJ sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Gontijo e Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1768723348597820> Email: gabriel.de.souza.o.e.silva@hotmail.com

análises do eminente filósofo mineiro, em nossa escola de interpretação, não nos deixam dúvidas de que a maneira correta de se ver o mundo, ou para quem foi tomado pela dialética hegeliana, a única maneira de se compreender o mundo – (destaca-se a diferenciação, aqui entre compreender e entender, onde a compreensão é uma tarefa mais ampla e complexa do que o entendimento puro e simples; de que dois mais dois são quatro, por exemplo; a usar o exemplo de outra linguagem, a matemática) é por este processo.

Para tanto, a compreensão da História, por exemplo, é impraticável em dissociação da Filosofia, e aqui, começamos a ter um primeiro momento de onde se pretende lançar a mirada sobre nosso objeto de análise. Escolhemos o fato histórico para traçar semelhanças com o ser histórico, visto que a relação quase simbiótica de ser e fato para a produção de história, em uma perspectiva eminentemente filosófica é o próprio desabrochar do movimento dialético no tempo e no espaço. As dimensões ortodoxas aqui não nos fazem muito sentido, partimos de um ponto que também é o ponto de chegada, de cumeada do entendimento, de ser e fato. Resta bastante claro para quem propõe essa reflexão que o *ser absoluto*, é também *ser subjetivo*, suprassumido; e é também *ser objetivo*, também suprassumido; sem deixar de ser, *ser absoluto*. Portanto, independentemente de qual o caminho a ser percorrido, a conclusão deverá ser, dentro da fineza dos conceitos, a mesma, ou ainda, as mesmas.

1 LIMA VAZ E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Segundo as próprias palavras do nosso sempre excelente Lima Vaz: “Pensar a Liberdade ou unir dialeticamente Liberdade e Razão, eis a única tarefa da filosofia”².

É interessante pensarmos agora, em uma visão mais “factível”, nas ironias que o destino nos traz. Para nós, não são ironias os desígnios das *Astúcias da razão*³. A pujança por liberdade faz parte do cerne da construção da civilização ocidental, portanto, cumpre papel central na construção de toda a filosofia hegeliana, da filosofia vaziana, e da construção do estado de Minas Gerais enquanto guardião do compromisso, para com ela (a liberdade) em relação ao Brasil. O símbolo maior das Minas Gerais, sua bandeira, a mais notoriamente reconhecida no Brasil e no mundo, tem grafada em si este irrevogável compromisso⁴.

2 Marcos Nobre, José Márcio Rego [orgs.]. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo, Editora 34, 2000, p. 31. Apud VAZ, Henrique C. de Lima. *A formação do pensamento de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Introdução. perfil do filósofo cristão). p. 14.

3 O curso inevitável da história, como nos ensina Lima Vaz, é governado pela ação irrefreável das paixões, onde a sabedoria, e, portanto, a razão das consciências somadas irá, inevitavelmente agir; ainda que com ações, a primeiro momento, tidas como ruins, a soma da ação da *negatividade*, suprassumirá todas as arestas do processo, resultando sempre em algo cada vez mais próximo da perfeição, do *real concreto*, do *absoluto*.

4 Na bandeira do estado de Minas Gerais, como é de público saber, temos a grafia dos dizeres que figuram também como nosso subtítulo, *Libertas Quae Sera Tamaen*, o vermelho (triângulo) foi adotado por fazer referência ao ideal revolucionário da Inconfidência Mineira, e o preto é a cor para dar destaque ao lema “*libertas quae sera tamen*”. A atual versão da bandeira de Minas Gerais foi instituída pela lei estadual nº 2.793, de 8 de janeiro de 1963. Em interpretação disponível em fontes oficiais do governo do estado a tradução mais adequada seria: “Liberdade ainda que tardia”, o que diz muito sobre o fim dos que lutaram na honrosa e histórica Inconfidência Mineira.

Não estamos dizendo apenas da importância do passado, na compreensão do futuro, isso é intrínseco ao entendimento do presente. Para nós, a atualidade permanente de que as noções fundadoras das instituições supracitadas, dos conceitos supracitados e dos indivíduos supracitados são genuinamente confluentes é a coisa em si mesma deste objeto de discurso.

Então, ao dizermos que o padre filósofo é filho dos valores da revolução mineira de dois séculos e meio atrás é uma afirmativa genérica e óbvia, pois este que subscreve esta comunicação também o é. Não é desejável que brademos sons ululantes para dizermos obviedades, entretanto, momentos perplexos nos impelem a dizer obviedades, sendo assim, para início de digressão e delimitação de onde inicia-se esta discussão é mister repetirmos.

Não teríamos como esperar coisas distintas de Padre Henrique Claudio de Lima Vaz, impraticável seria exigirmos do seminarista e intelectual, que rompesse com tudo aquilo que o constituiu, com todos os momentos e fatos que marcaram sua honrada trajetória, que é de conhecimento nosso e que aqui tentaremos resgatar e reavivar ainda mais.

Das vocações do estado mineiro, componente central da federação brasileira⁵, a História⁶ já nos incumbiu de conhecer, apenas destacamos o mais importante para reavivarmos e reafixarmos na memória recente de quem compartilha essa inteligência conosco, inerte seria o conteúdo deste texto sem uma diletta e selecionada comissão de espectadores que podem compreender o andamento desta partitura, pois também dedicaram e dedicam anos de estudos em constância, como fez Hegel, Vaz e os nossos pilares. São eles que também nos possibilitam ter tamanho privilégio de ponto de observação, elevado, mas antes rebaixado (*Aufhebung*)⁷; para só então conseguir alvissarar a tortuosa e rica mensagem contida nestes seculares escritos de filosofia.

5 Sobre parte da história do federalismo brasileiro recomendamos CABALEIRO SALDANHA, Daniel. *Organização do Estado Brasileiro: O modelo oligárquico de Federalismo*. 1 ed. Belo Horizonte: Casa do Direito, 2019.

6 Ainda, Sobre a História do Estado de direito recomendamos o insuperável José Luiz Borges Horta em: HORTA, José Luiz Borges. *História do Estado de Direito*. São Paulo: Alameda, 2011.

7 *Aufheben* ou *Aufhebung* é uma palavra alemã com vários significados aparentemente contraditórios, sendo traduzidos principalmente pela tríade “negar”, “conservar” e “elevar”, sendo também a correspondência na realidade de um conhecimento social. LUKÁCS, G. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966, cap. I, item 2 (Principios y Comienzos de La diferenciación), v. I, p.14. Na filosofia, *aufheben* é usado por Hegel para explicar o que acontece quando uma tese e antítese interagem e, nesse sentido, é traduzido principalmente como “suprassunção”. Bavaresco, Agemir (2003). «A fenomenologia da opinião pública a teoria hegeliana». Ed. Loyola. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=eIVozUbCmWUC&pg=PA32&lpq=PA32&dq=Aufheben+hegel+tradu%25C3%25A7%25C3%25A3o&source=bl&ots=OPZKRnkv5f&sig=TJ5fXDVum72DlglKDA03vnQWN-xI&hl=pt-PT&sa=X&ei=mHknU_atMpTPkQeH9IHIDw#v=onepage&q=Aufheben%2520hegel%2520tra-du%25C3%25A7%25C3%25A3o&f=false. Acessado em 17/08/2021.

Ainda, a mais fiel tradução dos termos supracitados, como quase que da totalidade da obra de Hegel disponível em português, são atribuídos à Lima Vaz, e parte desse esforço foi realizado com o também privilegiado padre Menezes da escola filosófica pernambucana.

2 A FILOSOFIA INSURGENTE

Nosso eminente mestre, do quando de uma de suas várias e ricas entrevistas concedidas com alvissareiros ensinamentos, de quando veio se refugiar em Belo Horizonte; nas palavras do próprio:

Para a surpresa do militante da ação católica de esquerda, recebeu convite do então diretor e professor de filosofia Arthur Versiani Velloso para lecionar no departamento de filosofia da UFMG. E acrescenta com ironia: “convite audacioso, porque já naquela época o meu nome, como de muitos outros, estava envolvido em inquéritos, chamados naquela época de inquérito Policial-Militar (IPM); mas o professor Velloso não levava em consideração esse tipo de pormenor. Houve um momento em que quase fomos aposentados compulsoriamente. Mas depois, parece que por intervenção do então ministro da justiça, Milton Campos, a UFMG foi a universidade que menos sofreu em termos de repressão, e eu nela permaneci”⁸

É interessante percebermos que o cunho de Lima Vaz em muito se assemelha ao que queremos explicitar, um combativo e audaz militante autoproclamado de esquerda como nos registros de sua vida não resta a menor possibilidade de dúvida.

Se existe sofrimento na vida e no tempo do autor, existirá sofrimento em sua obra. A obra, ou que fica para a secularidade do pensamento é fruto da maiêutica⁹ do pensamento - e maiêutica não é algo indolor.

Não tem como trabalhar o texto fora de seu tempo, de sua realidade. Não podemos combater um autor fora do seu tempo e do seu espaço. Não podemos trabalhar nosso próprio conhecimento sem darmos espaço a energia viva que o compõe. E viva é a vida e obra de Vaz. Viva é a Inconfidência Mineira e seus ideais.

Talvez nunca fosse o tempo em que tão necessária fosse a obrigação de reavivarmos o certo de que essa completude absoluta nos clarifica na ideia, no pensamento; somente isto pode nos trazer de volta a inescapável liberdade. A ferramenta que nos legou disponível pelo docente é a filosofia revolucionária e alvoratada de Hegel. “Nesse autorretrato, faz a apologia da obra de Hegel, reconhecendo a como a única síntese possível, nos tempos modernos, entre uma razão total (saber absoluto) e a cultura ou história”¹⁰

8 VAZ, Henrique C. de Lima. A formação do pensamento de Hegel. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Introdução. perfil do filósofo cristão). p. 15.

9 Maiêutica socrática diz do ato da parturiente. É o esforço de se colocar alguém no mundo, uma ação dolorosa, entretanto que retifica a vida. Apesar da dor que a parturiente sofre, segundos após o nascimento ela já se encontra inebriada de *pathos*, paixão pelo seu nascituro, e, de certa forma se sente realizada e feliz. A aproximação platônica do fato com a realização intelectual é evidente.

10 VAZ, Henrique C. de Lima. A formação do pensamento de Hegel. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Introdução. perfil do filósofo cristão). p. 22.

REFERÊNCIAS

- BAVARESCO, Agemir (2003). *A fenomenologia da opinião pública a teoria hegeliana*. Ed. Loyola. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=eIVozUbCmWUC&pg=PA32&lpg=PA32&dq=Aufheben+hegel+tradu%25C3%25A7%25C3%25A3o&source=bl&ots=OPZKRnkv5f&sig=TJ5fXD-Vum72DlglKDA03vnQWNxI&hl=pt-PT&sa=X&ei=mHknU_atMpTPkQeH9IHIDw#v=onepage&q=Aufheben%2520hegel%2520tradu%25C3%25A7%25C3%25A3o&f=false. Acessado em 17/08/2021
- CABALEIRO SALDANHA, Daniel. *Organização do Estado Brasileiro: O modelo oligárquico de Federalismo*. 1 ed. Belo Horizonte: Casa do Direito, 2019.
- HORTA, José Luiz Borges. *História do Estado de Direito*. São Paulo: Alameda, 2011.
- LUKÁCS, G. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966, cap. I, ítem 2 (Principios y Comienzos de La diferenciación), v. I, p.14.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *A Filosofia e Formação da Ação*. Entrevista realizada em Belo Horizonte, em 12 de maio de 1997, por Anderson Gonçalves, José Luis Herência, Luis Sérgio Repa e Sílvio Rosa Filho. Agradecimentos a Maurício Marsola, Taísa H.P. Palhares e Tessa Lacerda pela transcrição das fitas. *Cadernos de Filosofia Alemã* 2, P. 77-102, 1997
- VAZ, Henrique C. de Lima. *A formação do pensamento de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Introdução ao pensamento de Hegel: Tomo I: A fenomenologia do espírito e seus antecedentes* / Henrique C. de Lima Vaz; edição de, Arnaldo Fortes Drummond. – 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020. 536 p. (Obra Filosófica Inédita de Henrique C. de Lima Vaz; 1).